

---

## **Superficialidades e sensacionalismos de um jornalismo cultural ultrapassado: Uma análise crítica sobre a cobertura do show de Robert Plant na Espanha<sup>1</sup>**

Fabio Cruz

Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Guilherme Curi

Instituto Nacional de Comunicação e Tecnologia em Disputas e Soberanias  
Informativas (INCT-DSI)

### **RESUMO**

A partir de um olhar crítico ao jornalismo cultural produzido em veículos de mídia tradicional, objetivamos analisar a cobertura do portal do jornal espanhol *La Región* antes, durante e depois do show em território espanhol do músico inglês Robert Plant, ex-vocalista da banda Led Zeppelin. As questões teórico-metodológicas baseiam-se em Roland Barthes e o conceito de *fait divers*. Nas matérias analisadas constatamos elementos superficiais e rasos, características dos chamados *fait divers*, que demonstram que jornalismo cultural praticado em jornais tradicionais repete práticas discursivas ultrapassadas e repletas de estereótipos, que necessitam ser revistas e atualizadas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo Cultural; Música; *Fait Divers*; Robert Plant; Espanha.

### **Introdução**

“A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer”. A célebre frase de Gramsci (2014, p.187), nos auxilia a introduzir o debate sobre uma suposta crise do jornalismo hoje. No entanto, em entrevista para o site “Jornalistas Livres”, o periodista brasileiro, Leandro Demori afirmou categoricamente que o jornalismo não passa por nenhuma crise. Para ele, com as ferramentas disponibilizadas na internet, nunca tivemos um tempo tão rico e propício para investigar e trabalharmos com a produção de diferentes conteúdos midiáticos. O que estaria em crise seria o modelo de sustentabilidade financeira das empresas e a forma antiquada que ainda cobrimos os fatos. Segundo Demori, estamos descobrindo agora uma nova forma de trabalho, na qual o estilo antigo estaria longe de ser ideal, baseado, principalmente, em anúncios de governo, de empresas privadas e discursos ultrapassados: “Se a Nestlé coloca um anúncio no seu jornal, você não investiga a Nestlé. Porque estamos lamentando que esse modelo está acabando? Vai com deus, obrigado!”<sup>2</sup>, afirma Demori. Tal declaração

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Disponível em <<https://jornalistaslivres.org/nao-ha-crise-nenhuma-no-jornalismo-afirma-leandro-demori-do-the-intercept-brasil/>> Acesso em 28 jan. 2024.

---

nos dá algumas pistas para refletirmos sobre qual tipo de jornalismo queremos produzir. E o jornalismo cultural, foco deste trabalho, não está fora deste debate.

A partir da cobertura em torno dos dias do show de um dos maiores nomes da música mundial, Robert Plant em um tradicional periódico da região da Galícia, Espanha, propomos analisar e argumentar de forma pedagógica como ainda persiste um tipo antiquado de fazer jornalismo cultural arraigado em modelos de discurso que já não deveriam mais ser aplicados em detrimento de novas formas de fazer jornalismo, que ainda estão em construção, em sintonia o atual estágio das novas mídias digitais.

Propomos analisar o jornalismo cultural por entender que este gênero jornalístico trata questões simbólicas e representativas do mundo e das artes na contemporaneidade, como a música de entretenimento. Ou seja, de novas possibilidades de pensamento e ressignificação da vida. No entanto, por mais que saibamos dessa importância, alguns periódicos, principalmente os mais antigos, ainda adotam uma postura mais conservadora, acrítica e descompromissada socialmente, promovendo informações superficiais, desprovidas de conteúdo substancial e, ao mesmo tempo, de imediata assimilação, repleta de deslizes discursivos, os chamados *fait divers* (Barthes, 1971).

## 2. Fundamentação teórica-metodológica

De forma mais específica, o *corpus* do estudo em questão são matérias publicadas em formato digital sobre o show do músico Robert Plant do periódico *La Región*, um jornal tradicional da cidade de Ourense, Galicia, Espanha. A escolha por este periódico dá-se, pois, um dos autores esteve no país europeu realizando pesquisa de pós-doutorado e por tratar-se de um dos periódicos mais lidos da região. Além disso, entendermos que este objeto serve de contraexemplo, ou seja, de como não fazer jornalismo, algo que propomos debater em sala de aula com nossos alunos na disciplina de jornalismo especializado.

Ainda, Robert Plant, nosso personagem analisado, é um músico mundialmente reconhecido desde os trabalhos com a banda inglesa *Led Zeppelin*, entre 1968 e 1980. Sucesso de vendas até hoje, o *Zeppelin* é uma das bandas mais populares e comercializadas dentro do gênero rock.

Por jornalismo cultural, uma das definições mais próximas daquilo que objetivamos discutir é a proposta por Branco, Targino e Gomes (2006, p.13), que afirmam que este tipo de jornalismo pode ser percebido como um “gênero especializado na divulgação de eventos de natureza artística”. Neste sentido, ele faz a “análise e avaliação

de produtos simbólicos que dizem respeito ao conjunto de valores estéticos e ético-políticos da produção editorial, cinematográfica, da dramaturgia, da música”. Logo, eles afirmam, em razão dessa sua dupla configuração, o jornalismo cultural mescla informação jornalística e presença autoral de especialistas nas diferentes áreas da produção artística. Por esta razão, a partir da abordagem teórica-metodológica apresentada a seguir, focamos nossa análise neste conjunto de valores estéticos e discursivos que compõem as notícias selecionadas para então construirmos nossos argumentos e discussões teóricas.

Ainda, ao oferecer um cardápio repleto de direcionamentos éticos e políticos, sociais e culturais, a mídia estabelece um poder simbólico perante os cidadãos. Neste cenário, nos deparamos com alguns dilemas que habitam o âmbito comunicacional. Por um lado, através dos veículos, os meios midiáticos podem apresentar um viés crítico e educacional, quando produzem informações com substancialidade, as quais estimulam um pensar pedagógico e comprometido com a própria realidade social em que vivemos.

A mídia age, assim, como uma espécie de entrave para a reflexão crítica. Ao lançar mão disso, estimula um verdadeiro jejum intelectual na sociedade. Nesta realidade em que a qualidade daquilo que é produzido é, muitas vezes, inversamente proporcional ao índice de audiência, vislumbramos o apogeu dos desvios discursivos, do espetáculo e do conflito. Vivenciamos o triunfo dos *fait divers*. Os chamados “fatos diversos” ou “casos do dia” que consistem “na informação sensacionalista, procedente de uma classificação do inclassificável” (Cruz e Curi, 2015, p.75).

Constituem-se assim em uma categoria que ilustra a ideologia acima colocada, a qual, através dos seus significados e métodos, fornece elementos medíocres e acrílicos que tendem a relegar os receptores à passividade e à manipulação. Estimulando um pensar curto e efêmero, os *fait divers* apresentam informações excepcionais e, por vezes, insignificantes, inusitadas e inexplicáveis, no qual o intuito é único: almejar o emocional das pessoas afastado do pensamento crítico.

Assim sendo, as conexões dessa categoria propostas por Roland Barthes (1971), mais vivas e pertinentes do que nunca na contemporaneidade, são compostas pela singularidade, pelo grotesco e primam pela espetacularização. Neste sentido, os *fait divers* apresentam dois tipos básicos: Causalidade e Coincidência. Ambos possuem subtipologias respectivas, direcionadas para a compreensão da excepcionalidade, condição do estabelecimento da noção de conflito.

---

Os *fait divers* de Causalidade é demonstrado através de dois tipos: causa perturbada e causa esperada. Barthes (1971, p.271-274) revela também os *fait divers* de Coincidência a partir de dois tipos: de repetição – quando a repetição de uma notícia pode levar à desconfiança, pois isso é capaz de induzir o receptor a imaginar causas desconhecidas, suspeitas, que acontecem em circunstâncias diferentes – e de antítese – quando se aproximam dois termos qualitativamente distantes. A antítese liga dois termos contrários em um só percurso, como se nunca tivessem sido distintos. Uma vez unidos, a mídia e os *fait divers* aplicados ao jornalismo cultural, ao contrário de informar com substancialidade e aprofundamento, os fatos do dia, pois têm como principal finalidade a superficialidade, com base única e exclusiva no emocional.

### 3. Análises e resultados: superficialidade e supremacia dos *fait divers*

Ao todo, identificamos 10 matérias relacionadas ao evento, cinco delas dedicadas à divulgação do espetáculo até o dia da apresentação, na cidade de Ourense, na região da Galícia, Espanha. Sabemos que a lógica dos *fait divers* é a lógica de mercado e parte desses escorregões e equívocos jornalísticos pode ser constatada desde a primeira matéria analisada<sup>3</sup>. Algo que merece destaque é a eterna ligação do músico inglês com a sua antiga banda, o *Led Zeppelin*, prática esta que promove a repetição e é constatada em todas as matérias produzidas pelo *La Región*. Em que pese a inegável importância do grupo, é salutar constatar que Plant possui uma carreira solo que já dura mais de 40 anos.

Já no dia do show, 9 de setembro, o *La Región* produziu quatro notícias, além de um vídeo amador mostrando o trecho final do espetáculo sob o título “Robert Plant lança um feitiço sobre Ourense”<sup>4</sup>. As quatro matérias apresentam títulos que buscam impactar o leitor, a saber: “Chega a tempestade Robert Plant”, “A garganta de fogo do rock mostra todo o seu poder”, “Plant à galega... e portuguesa” e “O Auditório de Ourense se rende ao Robert Plant mais blues”<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/quien-es-estrella-rock-que-visitara-ourense/202304042009311210461.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.laregion.es/video/videos-ourense/robert-plant-hechiza-ourense/202309102148431243268.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/llega-tormenta-robert-plant/202309082324361242982.html>>, <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/garganta-fuego-rock-muestra-todo-poder/202309082326471242984.html>>, <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/plant-galega-portuguesa/202309082329051242986.html>> e <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/auditorio-ourense-rinde-robert-plant-mas-blues/202309092337451243144.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

---

A começar por alguns títulos, a empolgação e o impacto vestem a roupa da Coincidência através da antítese ao unir Plant a termos como “tormenta” e “garganta de fogo” numa clara tentativa de atingir o emocional dos leitores. Mas, nem só de manchetes vive a antítese. Outros exemplos podem ser percebidos em expressões como: “lenda do rock and roll”, “história viva”, “ícone absoluto”, “roqueiro histórico”, “carisma”, “personalidade” e “perfeição”. Além disso, o Led Zeppelin também foi arremetido por esse subtipo barthesiano em passagens como “deuses do rock” e “poderosos”. Dois dias após o show, uma última matéria<sup>6</sup> é produzida pelo *La Región* com a manchete “Robert Plant desfrutou do licor de café de Allariz antes de atuar em Ourense”. Em seguida, o texto afirma que o “histórico cantor do *Led Zeppelin*” curtiu a gastronomia da Galícia incluindo aí produtos locais como o licor café de Allariz, bebida muito popular da região. Mais uma vez a superficialidade foi protagonista.

#### 4. Conclusão

Isto posto, discutir o uso do sensacionalismo no jornalismo cultural se faz necessário. Sobre este ponto, questões que versam sobre a ética jornalística devem ser postas em debate. Os *fait divers* consistem em um termo que leva a uma imprecisão devido a um mau entendimento, o que conduz à sua deturpação (Angrimani, 1995). Assim sendo, os *fait divers* são vistos sempre como algo necessariamente depreciativo, que ultrapassa o exagero e prejudica o real exercício da profissão. Logo, devido a essa ressignificação causada pelo senso comum, o fazer “sensacionalismo” pode ser interpretado como desliz das linhas editoriais, equívocos e distorções das informações, distante do que deveria ser o jornalismo cultural contemporâneo, no qual cada vez mais o público especializado está atento às informações apuradas e precisas.

Ubíquos em todas as matérias analisadas, os *fait divers* são superficiais e rasos, de fácil entendimento. Insignificantes, exagerados e inusitados, não estimulam e não promovem elementos para a reflexão crítica.

Constatamos assim que o jornalismo cultural praticado em determinados jornais tradicionais, como este analisado, continua repetindo as mesmas práticas repletas dos *fait divers* e, assim, colabora e reforça a construção de sentidos fúteis, em uma sociedade marcada pelo individualismo mercadológico. Este estilo que está em crise, não o

---

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/robert-plant-disfruto-licor-cafe-allariz-actuar-ourense/202309111122171243361.html>>. Acesso em 23 jan. 2024.

jornalismo. Logo, as matérias analisadas são basilares para afirmarmos que o jornalismo cultural produzido por alguns veículos de mídia tradicional carece desta nova perspectiva, mais crítica e afinada com os novos tempos e formações de público que demandam análises mais aprofundadas, com conteúdo mais relevantes, informativos e atentos.

Ainda que Robert Plant seja um dos maiores representantes do gênero rock, do próprio *Led Zeppelin*, o músico sempre buscou atualizar o repertório e investiu em novas experiências artísticas. Por um lado, os críticos musicais mais atentos percebem isso, no entanto, parte da mídia tradicional insiste em trazer estes rótulos à tona e produzir notícias que não contribuem para qualquer tipo de público.

O jornalismo cultural, assim como qualquer gênero jornalístico, necessita de pesquisa, apuração e conhecimento do tema. A responsabilidade com o fato deve ser sempre o princípio basilar para o pleno exercício da profissão. Ao promover desvios causais com o provável propósito de atingir o emocional dos leitores, as matérias analisadas exacerbam o uso dos *fait divers* em todas as suas expressividades possíveis.

### **Bibliografia**

- BARTHES, R. Ensaio crítico. Lisboa: Edições 70, 1971.
- BARTHES, R. Sistema da moda. São Paulo: Nacional/USP, 1979.
- BARTHES, R. Aula. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRANCO, S. C., Gomes, A. D. & Targino, M. G. (setembro, 2006). Jornalismo Cultural: realidade ou idealização? In: Anais do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. (pp. 1-15).
- CRUZ, F. & CURI, G. *Communication Breakdown*: a cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do *fait divers*. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 22, n. 4, 2015.
- CRUZ, F. & CURI, G. A interculturalidade na obra musical de Robert Plant. Revista Lusófona de Estudos Culturais, Braga, v. 10, n.1, 2023.
- DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 6. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. V. 3. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2014.
- RAMOS, R. Anotações de sala de aula. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- REES, P. Robert Plant: uma vida. São Paulo: Leya, 2014.
- SOUZA, R. B. R. de. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 41, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-58442018>